



L. PORTUGUESA

2ª SÉRIE
Prof. CÉSAR MACHADO

Lista:

01

Data: 19 / 01 / 2022

Aluno (a):

Nº

QUEM CONTA UM CONTO...

TEXTO 01

“Como a novela e o romance, o conto é irreversível: jamais deixa de ser conto a narrativa que como tal se engendra, e a ele não pode ser reduzido nenhum romance ou novela. [...] Daí decorre a seguinte conclusão: a narrativa passível de ampliar-se ou adaptar-se a esquema diverso daquele em que foi concebida, não pode ser classificada de conto, ainda que o seu autor a considere, impropriamente, como tal.”

“O conto é unívoco, univalente.[...] Constitui uma unidade dramática.[...] Portanto gravita em torno de um só conflito, um só **drama** (conflito interno, decorrente do transcurso da história e do confronto entre as personagens, seus interesses, etc.), uma só **ação** (seqüência de atos, praticados pelos protagonistas da narrativa, ou de acontecimentos de que participam – **ação externa**, personagens deslocando no espaço, e **ação interna**, quando se passa na mente das personagens.”

“Em ‘Missa do Galo’ de Machado de Assis, por exemplo, temos um único episódio: o diálogo cheio de implicações sensuais entre o narrador, então jovem de dezessete anos, e sua anfitriã, D. Conceição, casada e com trinta anos. Arma-se ali um conflito que deve ser único e o mais importante na trajetória do protagonista. Neste caso, temos um conto, pois o drama apresenta fim em si próprio, compondo uma unidade de começo, meio e fim.”

“O conto constitui uma fração dramática, a mais importante e a decisiva, numa continuidade em que o passado e o futuro possuem significado menor ou nulo. Os seus protagonistas parecem apenas ter abandonado, naquele momento privilegiado registrado na micronarrativa, o anonimato em que mergulham.”

(A criação literária, Massaud Moisés)

TEXTO 02 - O MEU COMEÇO

“Amar o perdido/ deixa confundido/ este coração.
Nada pode o olvido/ contra o sem sentido/ apelo do Não.
As coisas tangíveis/ tornam-se insensíveis /à palma da mão.
Mas as coisas findas,/ muito mais que lindas,/ essas ficarão.”

(“MEMÓRIA”, Carlos Drummond de Andrade)

Sinto-me ébrio. Pouco me lembro do que posso ter consumido para ficar assim. Na verdade, lembro-me de um hotel, um auditório, imagens incertas. Estou assustado. Estou em uma cama tosca, num quarto frio e não consigo organizar as ideias. Levanto-me, ainda cambaleante, e identifico um frasco tombado, numa mesinha à margem da cama. Alguns comprimidos estão espalhados pelo chão; muita desordem. Minha breve suspeita de estar alcoolizado ruiu diante da imagem daquele medicamento. A tarja, no frasco, trazia os dizeres: “Em fase experimental” e, logo abaixo, uma inscrição assinava o rótulo, indicando “Centro de estudos da Memória Humana”.

Perplexo diante da confrontação destes elementos, me deparo com dois homens vestidos de branco que entram pela porta, subitamente, e se alarmam ao me ver em pé. Perguntam-me, aflitos, se já estou me sentindo bem e se passaram os efeitos do remédio. Só então me dou conta de que, embora os ache familiares, não tenho ideia certa de quem são. O que me espanta, ainda mais, é que, neste momento, percebo-me sensível e entregue às emoções do momento, porém não consigo, nem mesmo lembrar de mim. Faltam-me cenas seguras de um passado que me constitua um indivíduo em todas as suas dimensões. Estranho, mas apesar de pensar, não posso afirmar o sentido de existir.

Eles estão me levando por um corredor luminoso. Entramos em uma sala e o que vejo é uma adolescente chorando e vindo me abraçar fortemente. Chama-me pai. Diz-me que sua mãe ainda nos espera no hotel. Como permaneço sem palavras, ela acrescenta que a palestra foi interrompida, no momento em que eu provei do novo medicamento e saí correndo, agarrado ao frasco de comprimidos. Só depois é que me encontraram neste hotel suburbano, de onde queriam me retirar. É estranho ouvir tudo isso sem sentir, minimamente, que esta história é realmente minha.

Continuo me permitindo à condução dos homens de branco, da adolescente e das circunstâncias. A única certeza que tenho, no entanto, é de que minha história começou naquele quarto frio em que me encontrava, há pouco, ébrio e deitado em uma cama tosca.

(CÉSAR MACHADO)

TEXTO 03 - MINICONTOS COTIDIANOS

“Havia várias noites que não dormia bem. A cama se tornara castigo, o travesseiro, tortura, os ruídos da noite ganharam toda a atenção. Era trabalho, mudança, estudos, dinheiro. Só não lhe incomodava os blogues. Mesmo assim, foi o que resolveu cortar.”

(INSÔNIA MAL RESOLVIDA)

“O pintor estava sem inspiração. Queria pintar uma imagem abstrata, que mexesse com os sentimentos humanos. Ao abrir o jornal e deparar-se com o terremoto, rendeu-se a megalomania de Deus em superá-lo.”

(UM OLHAR SOBRE A CATÁSTROFE...)

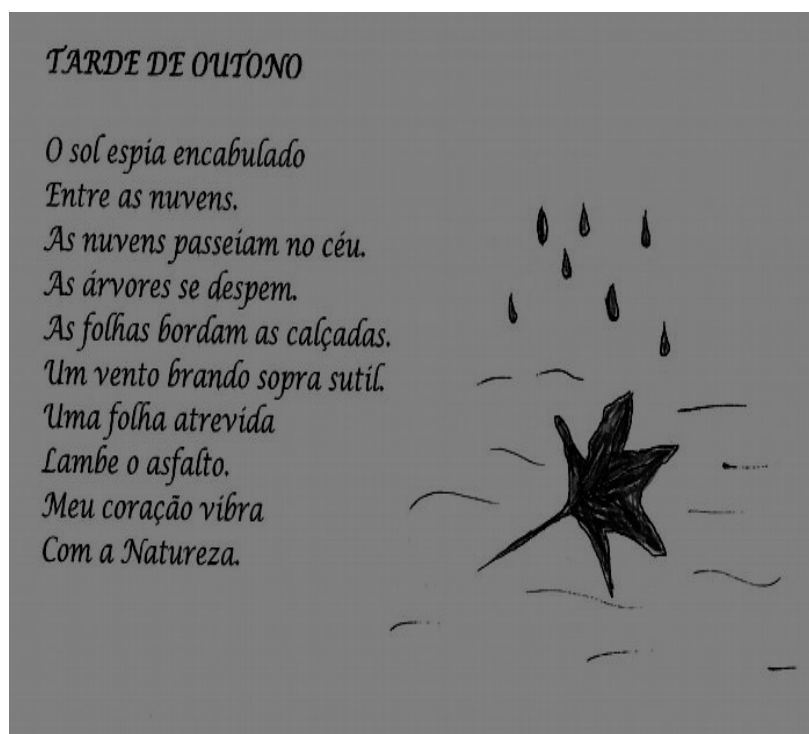
“Agitava a bandeirinha sem saber bem o motivo. Via sua avó em lágrimas a espera do trem e já não precisava saber mais. Aquele sorriso irrigado pelos olhos saudosos lhe faria agitar mil bandeiras só para vê-la feliz de novo.”

(UN TREN VOLVIÓ A UNIR INDIA Y BANGLADESH)

TEXTO 04 - CONTOS ILUSTRADOS



(CAETANO CURY)



(TEXTO: SUELY BRAGA/ ILUSTRações: MARIO FEIJÓ)



TEXTO 05



... SE DIVERTE E PRONTO!

EXERCÍCIOS

01. O hábito humano de ouvir histórias, ou mesmo de contá-las, conforme o apelo da circunstância, nos move, nos integra. Os relatos têm o poder de nos estimular os sentidos, nos encantar as sensações, impondo-nos risos ou lágrimas, prazeres ou dores.

Atento à coletânea e aos imperdíveis relatos, de todos os gostos e tamanhos, que ela trouxe, responda às questões:

a) No TEXTO 01, a ideia de que “...a narrativa passível de ampliar-se ou adaptar-se a esquema diverso daquele em que foi concebida, não pode ser classificada de conto, ainda que o seu autor a considere, impropriamente, como tal” parece limitar as espécies narrativas à diversidade de formatos e adaptações. De olho na diversidade da coletânea, pode-se dizer que este parecer teórico se confirma? Explique.

b) Observando o primeiro miniconto cotidiano, apresentado no TEXTO 03, relacione o título, INSÔNIA MAL RESOLVIDA, com o conteúdo do breve relato, mostrando o duplo sentido que se pode flagrar neste título.

02. No TEXTO 04, observamos uma sequência de delicadas narrativas iconográficas em que a integração entre o texto verbal e as ilustrações se dá de diversas maneiras. Refletindo sobre este procedimento, responda:

a) Coma as imagens, na tira que nos conta as “aflições” da pequena Laura, auxiliam na construção dos sentidos do texto de Caetano Cury?

b) A ilustração de Ana Paula Caruso, ainda no TEXTO 04, tenta mostrar, de forma literal, os breves versos de Isi Caruso. No entanto, os versos indicam sentidos que não se explicam na referida ilustração. Identifique estes sentidos e apresente-os em breves palavras.
